

## **Cursos preparatórios para pós-graduação: estratégias de resistência ao dispositivo de mérito<sup>1</sup>**

**Renata Nascimento da Silva<sup>2</sup>**

### **Resumo:**

Este trabalho tem o objetivo de analisar os cursos preparatórios para pós-graduação (CPP) como ponto de resistência ao dispositivo do mérito. A partir da relação criada entre voluntário e alunos a pós-graduação forma-se estratégias coletivas que abarcam tanto a dimensão do sensível como a racionalidade. Para isso, utiliza-se os estudos sobre ações afirmativas, o conceito de dispositivo de racialidade (CARNEIRO, 2005) e a perspectiva de estratégias sensíveis (SODRÉ, 2016), a fim de compreender como a troca de experiência possibilita a criação de modalidades de resistência que pleiteiam relações mais respeitadas, solidárias e cooperativas entre os indivíduos. As informações apresentadas resultam de entrevistas em profundidade e de questionário realizado pelo GoogleForms.

**Palavras-chave:** pós-graduação; meritocracia; curso preparatório; racialidade; ações afirmativas

### **Introdução**

Desde a aprovação da Portaria Normativa nº13, de 11 de maio 2016, que induz à adoção de ações afirmativas na pós-graduação das universidades públicas brasileiras, vem surgindo os cursos preparatórios para pós-graduação, cujo objetivo é preparar estudantes cotistas negros, indígenas, quilombolas, deficientes, transgêneros, dentre outros, para o processo seletivo de Mestrado e Doutorado em universidades públicas federais.

Ainda que a política pública tenha promovido, desde a Lei nº 12.711/2012, o acesso às universidades públicas, a ação só passou a vigorar com maior adesão na pós-graduação, após a normativa nº 13/2016, já citada, momento em que diversas instituições de ensino aprovaram resoluções sobre o tema em seus conselhos universitários. Segundo Anna Venturini (2019), a política de cotas impacta os beneficiários, pois que reduz o estereótipo negativo que marcam esses corpos, quase sempre não lidos como sujeitos, mas como objetos. Acrescenta-se a isto, o aumento da diversidade nos espaços

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UERJ, e-mail: [renascsilva1@gmail.com](mailto:renascsilva1@gmail.com)

---

educacionais, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que comprovam maior presença de negros matriculados nas universidades<sup>3</sup>; embora este crescimento de 38,15% seja pequeno, se comparado ao número de pretos e pardos no Brasil<sup>4</sup>, respectivamente, 9,4% e 46,8%.

As ações afirmativas na educação que englobam a área de análise deste artigo acarretaram mudanças significativas nas instituições de ensino: trouxeram reflexões sobre o currículo, sobre o processo seletivo, assim como maior presença de discentes negros, indígenas e trans. Em paralelo, evidenciou-se o racismo mascarado na meritocracia e os privilégios raciais e sociais de grupos brancos na preservação da defesa do mérito. A formulação desta política pública fez com que coletivos estudantis, movimentos sociais e ongs promovessem ações de incentivo aos estudantes interessados em ingressar nos cursos de mestrado e doutorado de instituições federais, via ações afirmativas. Ressalta-se que o Movimento Negro brasileiro sempre reivindicou e lutou em favor da presença da população negra nos espaços educacionais, conforme Nilma Santos (2019), em “O movimento negro educador”, narrativa da luta pela emancipação histórica das populações negras, desde a chegada ao Brasil da primeira pessoa negra.

Observa-se assim que a reivindicação da população negra por uma educação digna e igualitária vem de longa data. As ações afirmativas significam uma grande conquista, mas muito ainda precisa acontecer; a começar, um currículo que contemple as experiências do povo negro e dos povos originários. Esses requerimentos veem sendo articulados por alunos cotistas que, articulados em coletivos estudantis, resgatam e preservam a história dos movimentos negros nas universidades.

Para os pesquisadores Antonio Guimarães, Flavia Rios e Edilza Sotero (2020), a abertura das universidades aos estudantes negros, decorrente das políticas de cotas, permitiu que estes alunos se aglutinassem com objetivos de receber os novos membros, e até controlar as ações afirmativas, reivindicando a contratação de mais professores negros e estendendo a criação dos preparatórios aos processos seletivos. Os cursos preparatórios para pós-graduação são iniciativas acadêmicas que visam à inclusão

---

<sup>3</sup> Dados disponíveis em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/crece-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual> Acesso em 22 de junho de 2022

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> Acesso 22 de junho de 2022

de alunos negros, indígenas ou transexuais nos cursos de mestrado e doutorado, por meio da partilha de saberes, da diversidade acadêmica, ações de natureza afirmativas e de afeto.

### **Panorama dos cursos preparatórios para pós-graduação**

Em mapeamento realizado por pesquisa em sites institucionais e redes sociais, entre os anos de 2018 a 2021, observamos um total de 131 Cursos Preparatórios que, focados nas mais diversas áreas do saber, desde Saúde Coletiva até Ciências Humanas, se espalham pelas regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste do território brasileiro.

*Figura 1 - Mapa do território brasileiro dos CPP*



Fonte : autora, 2022

Os dados apontam o estado do Rio de Janeiro (RJ) com a maior presença de preparatórios (45,04%), seguido pelo estado do Paraná (PR) (26,72%) e pelo estado de São Paulo (SP) (6,87%). Os indicadores resultam de pesquisa realizada na rede social Facebook, tendo em conta ações e interações dos coletivos negros universitários, na medida em que estes autores utilizaram essa rede social para fazer chamada ou convocação aos preparatórios. Neste contexto, foi utilizado o espaço de buscas na timeline (linha do tempo) da pesquisadora para coleta de chamadas e publicações que convocassem interessados a participar dos CPP. Ressalta-se que os passos metodológicos levam em consideração o algoritmo de geolocalização da rede Facebook, visto que este pode influenciar o mapeamento dos cursos dentre as diversas regiões do território brasileiro.

É importante destacar que o Facebook justifica-se como importante rede digital, por se tratar da terceira maior rede social em atividade no ano de 2022, agregando 1,929

bilhões de usuários ativos diários<sup>5</sup>. Dito isto, observamos que o fato de os cursos estarem presentes em diversas cidades e estados confere certa multiplicidade à organização enquanto conjunto de mobilizações. No geral, constatamos seis formas de mobilização que originam os cursos preparatórios: (1) Coletivo Estudantil Negro, (2) Institucional Público em parceria com Movimento Social, (3) Institucional Público, (4) Associação de Alunos, (5) Institucional Privado, (6) Movimento Social.

Tabela 1 - Modalidades de CPPG

Organizador	Contagem de Organizador
Coletivo Estudantil Negro	35,11%
Institucional Público em parceria com Movimento Social	22,90%
Institucional Público	19,08%
Associação de Alunos	16,03%
Institucional Privado	6,11%
Movimento Social	0,76%
<b>Total Geral</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autora, 2022

Tendo esta classificação seguido os seguintes critérios e definições: a) *Coletivos Estudantis Negros*, pois se autodenominam coletivos em sua identificação. Pregam a horizontalidade na tomada de decisões, não possuem hierarquia na forma de organização. Suas aulas são dadas por alunos da Instituição. b) *Institucional Público* em parceria com Movimento Social, caso em que a instituição convida algum movimento social para organizar ou dar aulas dentro da instituição; c) *Institucional Público*, criado e gerenciado pela própria Instituição, tendo alguns professores como participantes através de aulas; d) *Associação de Alunos*, organização temporária constituída por alunos ou ex-alunos da Instituição e cuja finalidade se restringe ao Curso Preparatório. e) *Institucional Privado*, que envolve a mobilização de empresas privadas e de pessoas físicas, podendo ser sem fins lucrativos, com objetivo único de garantir a educação para qualquer indivíduo; f) *Movimento Social*, pois representa a ação de setores da sociedade ou organizações sociais para defesa e promoção de certos objetivos ou interesses.

Saber identificar estes organizadores é importante para se entender o público-alvo a que se destina a ação dos preparatórios. Normalmente, os cursos criados por coletivos estudantis atendem somente a cotistas, ao contrário dos cursos de iniciativa privada que

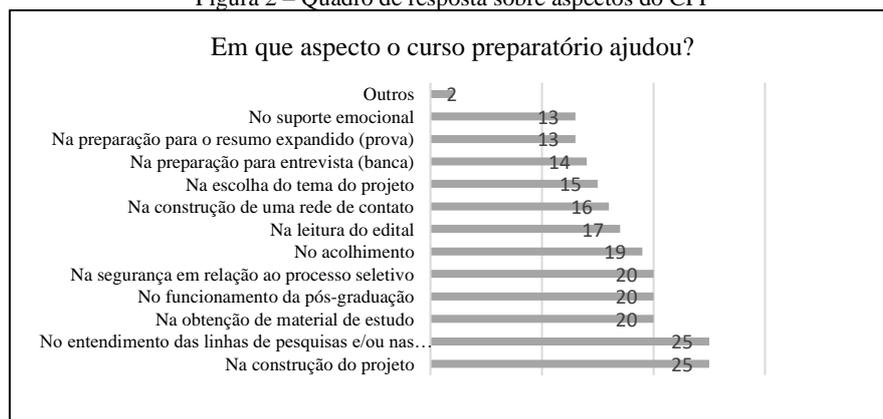
<sup>5</sup> Informação disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/02/03/internet-e-redes-sociais/facebook-perde-usuarios-ativos-pela-primeira-vez-em-sua-historia/> Acesso em: 29 de junho de 2022.

são generalistas. Os pautados por instituição pública tanto podem atender a cotistas como a técnicos da instituição ou a quaisquer pessoas que desejem ingressar na pós-graduação.

O mestrado e o doutorado no Brasil gozam de prestígio na sociedade, tendo em vista questões de seletividade e a possibilidade de mobilidade social. Tudo começa nas famílias mais abastadas que investem na educação formal dos seus, a fim de bem prepará-los para ocupação de assentos dentro das universidades públicas federais. É assim que o espaço universitário público gira em torno de estudantes brancos oriundos de escolas particulares, impossibilitando que famílias com menor poder aquisitivo consigam a colocação de seus filhos nestes espaços. É assim também que os cursos preparatórios, tanto os de graduação quanto de pós, funcionam como um complemento educacional aos estudantes negros ou indígenas da rede pública, em suas dificuldades de acesso ao ensino superior.

No entanto, um dado chama atenção, a maioria dos praticantes dos preparatórios inscritos vem de instituições particulares. Os alunos, vindos ou não de universidades privadas, são preparados em obediência às etapas de seleção divulgadas nos editais de inscrição: prova escrita baseada na bibliografia do edital; análise de projeto e currículo; entrevista com a banca de avaliação; prova de uma língua estrangeira facultativa. Em dados capturados via formulário do Google Forms<sup>6</sup> de participantes de dois cursos preparatórios para área de Comunicação Social, observa-se a recorrência destas situações, a saber:

Figura 2 – Quadro de resposta sobre aspectos do CPP



Legenda: 2020

<sup>6</sup> O formulário foi enviado entre junho, julho e agosto de 2020 para os inscritos em ações de preparatórios para pós-graduação, o qual contou com 91 respostas. A questão, ilustrada por meio do gráfico, permitia que os respondentes escolhessem mais de uma opção para marcar.

---

Como em qualquer área de estudo, o processo seletivo dos programas de pós-graduação em Comunicação envolve regras e fases geradoras de dúvidas nos candidatos. Questionamentos comuns, do tipo “como estudar para prova”; “como escrever o projeto”; “devo ou não entrar em contato com o futuro orientador”; “como devo preencher meu lattes”, preocupam enquanto geradores de insegurança e inibição entre os novos. A partir de experiências adquiridas na própria Instituição, essas dúvidas são desvendadas, de forma voluntária por mestrandos ou doutorandos, assim disponibilizados. Neste contexto, a experiência passada torna-se a chave, configurando um aprendizado acumulado de saber e de sensibilidade ao campo de forças políticas que atravessam o sujeito e a instituição. Ou seja: articula-se, ao processo de aprendizado, a experiência pessoal e coletiva dos estudantes e sua mobilização em torno das ações políticas afirmativas. Este entrelaçamento protege e alivia a insegurança própria do processo seletivo; o medo de se estar ocupando um lugar historicamente “branco”; a dúvida recorrente sobre o uso ou não uso da política de cotas, pois que ainda paira em alguns estudantes cotistas o receio de serem vistos como “não apto”, aquele que “passou só por causa da cota”.

Tais condutas denunciam o funcionamento subjetivo do mérito que se reproduz na crítica sobre a própria capacidade, no receio de se expressar, na oscilação entre cotas e afirmação da intelectualidade, na ausência de autodeterminação, a partir dos pressupostos coloniais modernos. De resto, pode-se dizer que o mérito traz à tona entre os subalternizados o sentimento negado e oculto de se estar em dívida. Ao menor indício de dúvida quanto à sua capacidade, o estudante logo se questiona se aquele lugar, por direito, pode ser seu.

### **O mérito e a meritocracia**

Os filósofos Sueli Carneiro (2011), Michael Sandel (2020) e Daniel Markovits (2021) veem abordando a questão do mérito dentro da educação. Carneiro (2011) entende o mérito como forma intencional de exclusão dos racializados à educação superior, meio de privilégio aos brancos e de escamoteação às desigualdades raciais e sociais. Já Sandel (2020) discute o processo ilusório da meritocracia quando a decisão do indivíduo, saindo do campo divino, passa a ser entendida como esforço próprio. Markovits (2021) reflete a importância do lastro familiar no processo de ascensão social desde a possibilidade de investir numa boa educação até a formação de networking.

---

Um aspecto que contempla a visão dos filósofos é o entendimento de que a meritocracia faz uso de algumas pessoas negras, a fim de criar determinado modelo de sucesso que se lhes torne padrão e regra de como agir. Artificio que cria lógicas de comparações, as quais servem à divisão da população negra e a suspeitas na eficácia das ações afirmativas. Uma estratégia em constância no espaço midiático para disseminação do dissenso na opinião pública.

É o que nos aponta a comunicóloga Zilda Martins (2018), ao lembrar o quanto a mídia impressa, durante a implementação da política de cotas nas universidades públicas, fez uso do argumento do mérito e do aumento do racismo, na tentativa de construir narrativas negativas sobre as cotas. Algumas universidades públicas também se utilizaram dessas alegações ao não implementarem a modalidade em seus cursos. Anna Venturini (2019) e Danielle Pereira de Araújo (2019), cientistas políticas, mostram, em seus trabalhos, como certos espaços acadêmicos criam uma falsa assimetria entre mérito e cotas, tendo por apoio enunciados científicos, leis, medidas administrativas, organizações públicas e discursos que contestam a modalidade pública.

Segundo Venturini (2019):

(...) a preocupação com a manutenção do mérito acadêmico foi mencionada em todas as entrevistas com membros de coordenações ou reitorias. Mesmo dentre os entrevistados favoráveis a tais medidas e cujos programas já as instituíram, vários ressaltaram que a previsão de notas de corte e etapas diferenciadas para determinados grupos representariam uma violação do mérito (...). (VENTURINI, 2019, p. 251)

A passagem acima evidencia como a defesa do mérito torna-se uma estratégia que visa afirmar sobre os racializados sentimentos de dúvidas e insegurança sobre o uso de cotas raciais e/ou sociais na trajetória acadêmica. Essa conduta elabora-se imprecisão sobre a autenticidade da capacidade do sujeito. Para tal, valho-me de uma das entrevistas em profundidade realizadas entre voluntários e candidatos a cursos preparatórios para pós-graduação, entre os anos de 2020 e 2021. Nesta entrevista C4, acontece o relato do quanto uma cotista precisou desconstruir o significado das cotas, para se adequar a esta condição:

(...) se o processo de cotas não tivesse sido aprimorado, eu não teria entrado agora no doutorado porque estava num processo muito louco (...), (...) como eu falei, na graduação não tinha cota na minha época (...). No doutorado, eu fui a última da lista dos cotistas (...), no início me deu essa coisa de pensar, sei lá, alguém pode jogar isso na minha cara em algum momento em alguma discussão, enfim, a gente pensa, né (...). (...), mas depois consegui desconstruir isso tudo (...). (Entrevistada C4, 27/11/2020)

Dentro do dispositivo do mérito, os discursos traçam e promovem jogos de valorização e desvalorização, os quais, o corpo negro é convidado a questionar sua capacidade. Jogo este, que cria medo e insegurança quando se escolhe ser cotista e as cotas são utilizadas. No que resulta, por parte da entrevistada da C4, em comparações e desvalor:

na graduação, eu passei em quarto lugar (...). Aí, no mestrado, no final, depois que teve as reclassificações, eu fiquei em 13º (...) quando foi agora eu fiquei em último, também acho que tem um pouco da vaidade, fazendo terapia aqui, sempre fui CDF, sempre fui boa aluna (...). (Entrevistada C4, 27/11/2020)

Tal pensamento evidencia o papel da racionalidade dentro da estrutura racial, ao longo do tempo. Pois que a razão se articulou ao mérito para reafirmar a diferença entre brancos e negros, valorizando o ideal branco, e assim construir formas de governar a mobilidade social, econômica e política dos corpos racializados (FOUCAULT, 2000; CARNEIRO, 2005).

Diante desta perspectiva, compreende-se que o mérito funcione como um dispositivo e, como tal, “em um determinado momento, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 2000, p. 244). Logo, porém, seu funcionamento se assume, por motivos políticos, econômicos, filosóficos e sociais, com a finalidade de dominação. Dominação em favor da branquitude em seus privilégios, mediado pela raça e pelo gênero, de modo não verbalizado ou explícito. É assim que o dispositivo do mérito está apoiado no dispositivo de racialidade<sup>7</sup>, termo cunhado por Carneiro (2005), provindo da conceituação de Foucault (2000):

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas; decisões regulamentares, leis, medidas administrativas. Enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2000, p.244)

O dispositivo do mérito se faz presente nos discursos midiáticos, espaços, instituições, nos regulamentos institucionais e na fala de especialistas. Uma conjunção

---

<sup>7</sup> Este termo deriva da tese da pesquisadora Sueli Carneiro (2005), que é o resultado do epistemicídio e do genocídio. O epistemicídio representa os processos de negação de povos e grupos afrodescendentes como sujeitos de conhecimento, a partir da negação, ocultamento ou desvalorização de sua visão de mundo e dos saberes que a sustentam, tanto a partir do continente africano quanto em sua diáspora. O genocídio refere-se à eliminação dos povos estrangeiros. Estranhos em suas formas de conhecimento e práticas sociais. O conceito será desenvolvido ao longo deste item.

de elementos que instrui a cultura do mérito como meio de justiça social e de moral, e que mascara a manutenção dos privilégios da branquitude. Neste contexto, a resistência se configura como tentativa de contraposição e as dinâmicas produzidas pelos cursos preparatórios prestam-se a criar estratégias de resistência ao dispositivo do mérito.

### **Experiências que se tornam estratégias nos Curso Preparatório para pós-graduação**

Em virtude da operacionalização do dispositivo do mérito – lutas de narrativas, processos de subjetivação, reivindicação de lugares de fala e outros – observa-se a necessidade de se pensar em múltiplas formas de resistência que articuladas ao passado levem em consideração a mobilização estudantil negra dentro das universidades. Convoca-se o antigo para melhor entender a problemática atual dos discursos, das políticas e dos ajustes necessários às ações afirmativas, em confronto ao racismo acadêmico transvestido de neutralidade e de racionalidade que desqualifica a pesquisa, em especial, dos estudantes negros.

São diversas, as frentes de lutas formuladas pelos preparatórios no jogo de força com o dispositivo do mérito. Para isso, ponderamos o estudo de estratégias sensíveis de Muniz Sodré (2016) que diz respeito ao processo comunicativo, fruto de uma dimensão coletiva, na qual a vinculação aparece como a radicalidade da diferenciação e da aproximação entre os seres humanos. Na sua visão, a vinculação é muito mais do que apenas um processo interativo. Esta pressupõe a inserção social e existencial do outro, dentro de uma condição de partilha que não se limita ou se restringe ao racionalismo instrumental nem a qualquer funcionalidade societária, mas implica um compartilhamento ou troca que se tem para com o Outro. Em resumo, a estratégia sensível não se restringe à razão, ela engloba a corporeidade e diz respeito ao ato de aproximação das diferenças.

Desta forma, nos interessa refletir sobre os vínculos formados entre os indivíduos nos preparatórios para pós-graduação como estratégias ao dispositivo do mérito. Pontuaremos três estratégias decorrentes do processo de interação entre os indivíduos e os voluntários que reagem ao dispositivo do mérito.

#### **a) Cooperação**

A cooperação enfatiza a mobilização da população negra, a partir da dimensão do sensível, tendo por norte ações traçadas no passado – a ancestralidade – que reverberam

---

até hoje. Nesta estratégia, em meio a interesses individuais e visões conflitantes, priorizam-se articulações e experiências diversas de engajamento político.

Segundo Richard Sennett (2012), a cooperação, como capacidade de compreender e de se mostrar receptivo para agir em conjunto, é uma habilidade, isto é, um exercício. Dentro do campo da estratégia, o sensível, para Sodré (2016), surge da capacidade de compartilhar experiências e do “(...) ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo...” (SODRÉ, 2016, p. 11). A associação destes elementos compõe a estratégia de cooperação decorrente dos vínculos formados entre as singularidades dos integrantes do preparatório, orientados pela formação educacional e pelo reconhecimento do afeto de cada experiência dentro da universidade.

Diante disso, voluntários e candidatos à pós-graduação envolvem-se na realização do preparatório. A entrevistada M-11, ao discorrer sobre sua atuação como voluntária no preparatório e como está ação apresenta uma dimensão de solidariedade e acolhimento.

a minha questão de me voluntariar é entender a importância que aquilo tem na vida da pessoa, não só na questão intelectual, mas na questão de apoio mesmo. Porque assim, eu não quero crer e não tem sido para mim solitário o caminho da pós graduação, não precisa ser. Eu acho que a gente internalizar a solidão da pós graduação é internalizar uma dificuldade e um mito que a universidade quer colocar sobre si para dizer que nem todo mundo pode acessar. (Entrevistada M-11, 14/07/2021)

O relato da entrevista M-11 mostra a relação entre cooperação e solidariedade promovida pelo preparatório que estabelece uma ligação entre os vínculos sociais e a organização política. Isto fica nítido quando M-11 aponta “(...) não tem sido para mim solitário o caminho da pós-graduação (...)”, a atitude dela mostra que o caminho desses dois elementos visa à inclusão grupal. O movimento do preparatório enfatiza a inclusão através do compartilhamento dos códigos, das regras e das normas universitárias.

Para além da solidariedade, outros elementos que aparece nesta estratégia é o engajamento dos indivíduos que na visão da entrevista M-1 torna-se algo fundamental para manutenção do preparatório.

“o engajamento dos alunos é o que mais me marca. Porque tem cursinho que não acontece (...) tipo ele começa, mas não vinga. (...) a participação dos alunos no sentido de continuidade da ação, do começo até hoje (...)” (Entrevistada M-1, data 22/11/2020)

O engajamento dos integrantes reverbera nas demandas apresentadas pelos alunos na reunião do colegiado e na coragem de alguns alunos em se posicionarem diante dos

professores. Mesmo que sejamos estimulados dentro da academia a desenvolver o debate e a troca dialética, sabe-se que existe o medo de se confrontar determinados docentes e que isto gere conflitos que atrapalhem a carreira acadêmica:

“Y era uma pessoa que não falava muito nas reuniões de colegiado, aí nessa reunião Y se posicionou. Os estudantes negros se sentaram juntos, e os outros também, o X e Z tinham acabado de passar, eles tinham sido alunos do preparatório e estavam na reunião demandando por mudanças (...) então, para mim, foi muito bonito ver os alunos recém aprovados falando e Y falando (...) foi emocionante(...)”(Entrevistada M-1, data 22/11/2020)

A mobilização dos voluntários é fundamental para a continuidade do projeto, para o aperfeiçoamento da modalidade e dos direitos dos alunos. Para a entrevistada M-1, o preparatório levou demandas importantes para o colegiado, como as questões de bolsa estudantil e fraudes na autoidentificação.

“o cursinho é muito importante (...), a gente levou a questão de bolsas para reunião, mas, agora nem adianta mais porque XXX quase não tem bolsa, várias bolsas foram cortadas do programa. As demandas dos alunos só acontecem a partir de engajamento político, na minha perspectiva as lutas deveriam ser maiores entre a gente (...)” (Entrevistada M-1, data 22/11/2020)

Em qualquer tipo de cooperação, pontos de diferença podem levar à frustração em algum momento; no entanto, a existência de um propósito maior que ligue os indivíduos faz com que as discordâncias, sejam contornadas em torno da produção do comum. Paula Oliveira (2020) diz que, nos grupos, o dissenso traz mobilidade, faz o trânsito e a transformação. É por meio do desentendimento que provocamos o pensar do por que do medo em levantar discussões ou em reivindicar direitos, frente a outros alunos e professores.

#### **b) A ginga/o desvio**

Aqui, estratégia refere-se ao exercício de aprender e depois ensinar o autocuidado diante do racismo acadêmico. Presta-se em essência, a desvelar os artifícios racistas, a articular caminhos de proteção aos de dentro e de fora, à produção de cuidados políticos. Decorre da ginga da malandragem, nascida da perspicácia e do reconhecimento da complexidade do racismo acadêmico em ação nas experiências e práticas dos sujeitos.

Segundo Mariléa de Almeida (2021), o racismo acadêmico se materializa:

pelas escolhas epistemológicas, pela inexistência de um corpo discente e docente diverso em termos raciais e pela criação de entraves meritocráticos/burocráticos/financeiros que dificultam o acesso e/ou a

---

permanência de pessoas não brancas, especialmente negras e indígenas, no espaço. (ALMEIDA, 2021, p.99)

Nestes entraves burocráticos esconde-se a pretensa impessoalidade ou neutralidade que legitima a barreira construída, entre o topo e a base, e que, prontamente faz recuar qualquer ímpeto de comunicação, qualquer conflito acerca dos princípios da legalidade e do regulamento institucional. A entrevistada B-6 aponta essa questão ao lembrar quando denunciou um fato no colegiado, fruto do preparatório:

“(...) uma coisa que me arrependo de ter caminhado dentro da instituição foi aquela coisa de reclamação, pois gera o famoso racismo institucional. Eu não sei se você sabe, mas por ser uma pessoa negra fazendo reclamação, ele [o negro] vai ser massacrado de burocracias e desculpas até o último oportunidade (...)” (Entrevistada B-6, data 23/11/2020)

Segundo a entrevistada B-6, tal experiência lhe serviu para aprender como se posicionar na pós-graduação, visto que, em suas palavras: “(...) é um lugar de muita sensibilidade(...)” (Entrevistada B-6, 2020). Assim, o racismo disfarçado de burocracia, exige que tenhamos malandragens, a fim de se evitar “(...) a dor de cabeça do confronto que marca os alunos negros (...)” (Idem). Mais uma vez, o compartilhamento de experiências ajuda na construção de repertórios, principalmente, aos futuros mestrandos e doutorandos, ainda “crus”.

Diante dos encontros acadêmicos, estas experiências formam as estratégias que ajudam os candidatos a se moverem no processo seletivo, orientá-los como se comportar na entrevista, no preparo da prova, na relação de pesquisa com os professores. Para a entrevistada G-5, a troca entre os de dentro e os de fora, criativamente fornece as dinâmicas que servem como ajuda no processo seletivo:

“(...) tem coisas que só o cursinho passa, que são as conversas de corredores, aquilo que só os alunos que estão ali dentro sabem sobre os professores, tipo a palavra mais adequada para usar no projeto.” (Entrevistada G-5, data 05/07/2021)

A G-5 acredita que essa sensibilidade acontece dentro do cursinho porque lá estão pessoas pretas que já percorreram este caminho, pessoas que sabem até onde certas coisas não vão mais funcionar. Para além disso, a entrevistada indica outros critérios que não são visíveis ou não são ditos, mas que configuram a seleção:

“o networking é um dos critérios; o fato de você já estar na instituição e de que instituição vem; se o professor já te conhece; se é confiável ou não, se é puxa-saco ou não, entende? Essas são critérios (...)” (Entrevistada-G5, 05/07/2021)

Os critérios apresentados por G-5 mostra a ginga/desvio que surge da capacidade de estar atento a outros caminhos que aparecem no imprevisto do contato corpo a corpo, da experiência e da astúcia. Essa estratégia representa o “não dito” e tem como principal objetivo tornar visível para “os de fora” a supremacia branca, denunciar os privilégios e os pactos que os estruturam. A ginga seria a expressão do pensamento de Luiz Rufino (2018) sobre os caminhos de Exu que nos interpelam a ter coragem e capacidade, a fim de transgredir o pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002) presente no dispositivo do mérito.

### c) Aliados

Quando mais se acessa os espaços de poder, as estratégias precisam estar aguçadas para determinados contextos e momentos em que a luta pode necessitar de aliados e/ou sujeitos dispostos a deixar ideias indesejáveis “do lado de fora”, a fim de construir uma universidade diversificada e inclusiva. Ser aliado é romper com a narrativa benevolente ocidental branca que acredita combater o racismo com fórmulas “dar espaço”, “dar visibilidade” e “dar voz”, isto não rompe com o sistema porque a ideia de “dar algo” assegura a divisão de privilégios e/ou a multiplicação dos privilégios e não a abolição das estruturas de reprodução de desigualdade, como aponta Jota Mombaça (2019):

quando uma pessoa branca diz “usar seu privilégio” para “dar voz” a uma pessoa negra, ela o diz na condição de que essa “voz dada” possa ser posteriormente metabolizada como valor sem com isso dismantellar a lógica de valorização do regime branco de distribuição das vozes. (MOMBAÇA, 2019, p.26)

No mundo universitário, essa lógica se manifesta objetivamente por meio da abertura de espaços, articulação de financiamentos e convites para integrar redes de pesquisadores. A entrevistada G-5 relata que aprendeu a sair de uma posição que considerava rígida e passou a construir pontes quando perdeu uma bolsa de pesquisa após uma disputa interna com um professor. No entanto, G-5 conseguiu outra com uma professora branca. De acordo com ela:

(...) isso tudo foi muito importante pra eu pensar essa questão das relações de raça, pra gente sair, às vezes, do binômio, sabe, preto e branco (...). Eu lembro de ter feito a disciplina da professora com muita resistência, eu olhava pra ela, essa branca, feminista, eu tinha uma má vontade com ela (...) um belo dia eu estou em casa e recebi uma mensagem dela: “queria conversar com você, eu tenho uma bolsa pra te oferecer, você aceita?”. eu tenho essa bolsa (...). ela é uma mulher branca e que tem outra postura. Então, o que leva a ver é que é preciso

---

construir parcerias, tanto individuais como coletivas (...) (Entrevista G-5, data 05/07/2021)

O relato acima mostra que a universidade é um espaço complexo, o qual exige a capacidade de descobrir/enxergar os pontos conflitantes do lugar para construir pontes até então impensadas. Isto remete a visão de Sodré (2019) sobre estratégia sensível que diz respeito a “(...) quebra de barreiras de imunidade à diferença (...)”. Para o autor, todos nós temos uma dose de resistência à diferença, mas, no entanto, quando agimos afetivamente, sem medida racional, nos abrimos para o Outro. Entretanto, a redefinição da “abertura criativa para o Outro” deveria ser coletiva, de ambas as partes, não uma teoria decorrente de uma sujeição política, econômica e cultural que impõe às minorias políticas a necessidade de formar alianças (redes) a fim de acessar espaços que são dominados por acordos não verbalizados da branquitude. Tal ação, por vezes, se faz necessária entre os grupos marginalizados que, para furar as bolhas acadêmicas, precisam “ceder” e/ou negociar para participar de ambientes, ditos, democráticos.

Alianças e parcerias surgem como estratégia para alunos negros a partir do entendimento que a sociedade é desigual, isto decorre da autopreservação dos grupos dominantes que se beneficiam ao excluir os negros. Isso dá-se pelo compartilhamento das informações somente entre a sua rede, pela manutenção de critérios de seleção que favorecem seus semelhantes, de discursos/práticas que geram sentimento de medo e insegurança. Assim, o dispositivo de mérito operacionaliza o racismo mantendo a branquitude nos postos de controle da sociedade, institucionalizando sua política identitária. Por outro lado, tem-se a importância de ações como os cursos preparatórios na consolidação de mais uma rede negra que ajuda no acesso e na permanência desses estudantes e no encontro de mais aliados políticos e acadêmicos.

### **Considerações finais**

O artigo em questão, por meio de uma revisão teórica, visou discutir a noção de dispositivo do mérito e sua relação com a política de cooperação construída nos cursos preparatórios para pós-graduação. A cooperação formada entre voluntários e candidatos ajuda a enfrentar as tensões do processo seletivo por meio da partilha de experiência, afeto e a preparação técnica. Essa iniciativa que, a princípio, apresenta um objetivo racional de entrar/acessar o espaço, levanta questões sobre solidariedade entre indivíduos diferentes, mas que buscam se ajudar em virtude de um objetivo maior. Para isto, a

estratégia do curso dá ênfase aos valores quilombolas e afrodiaspóricas como forma de organização, a fim de entender que o sucesso de um indivíduo não é uma obra solitária, mas, resultado da participação direta e indireta do seu entorno.

Esse processo se contrapõe aos valores de individualidade e competição do dispositivo do mérito colonial/moderno em que os sujeitos são organizados a partir das suas capacidades/competências. Logo, a dimensão de cooperação torna-se inviável dentro deste contexto em que a educação universitária se torna um dos únicos caminhos para ascensão social.

### Referência Bibliográfica:

ALMEIDA, de Mariléa (2021) **Racismo Acadêmico e seus afetos**. História: Questões & Debates, pp. 96-109 <http://dx.doi.org/10.5380/his.v69i2.80267>

ARAUJO, de Daniele (2019). **“Inclusão com mérito” e as facetas do racismo institucional nas universidades estaduais de São Paulo**. Revista Direito e Práxis, pp. 2182-2213 <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/43879>

BENTO, Maria Aparecida da Silva (2002) **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARNEIRO, Sueli. (2005). **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser** (Tese Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

FANON, Frantz. (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Editora Edufba

GUIMARES, A., RIOS, F., SOTERO, E. (2020) **Coletivos Negros e novas identidades raciais**. (Dossiê Raça, Desigualdade e Políticas de Inclusão, pp. 309-327 <https://doi.org/10.25091/s01013300202000020004>

MARKOVIT, Daniel. (2021). **A Cilada da Meritocracia**. Intrínseca.

MARTINS, Zilda. (2018). **Cotas raciais e o discurso da mídia: um estudo sobre a construção do dissenso**. Appris Editora.

MOMBAÇA, Jota. (2019). **Não vão nos matar agora**. Lisboa: Galerias Municipais.

OLIVEIRA, Paula Gorini (2020) **Corpo político e disputas em rede: discursos, performatividade e dissenso nas lutas políticas contemporâneas**. (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RUFINO, Luiz. (2018) **Pedagogia das Encruzilhadas**. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 71-88, Jan./Jun. <http://orcid.org/0000-0003-0206-254X>

SANDEL, M. (2020). **A Tirania do Mérito**. Editora Civilização Brasileira.

SENNETT, Richard. (2012) **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. tradução: Clóvis Marques –Record

SODRÉ, Muniz (2006). **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes.